

**ALÉM DO DESEMBARQUE DA NORMANDIA: ESPIONAGEM,
INTELIGÊNCIA E RESISTÊNCIA NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL**

**BEYOND NORMANDY LANDING: ESPIONAGE, INTELLIGENCE
AND RESISTANCE IN THE SECOND WORLD WAR**

**MÁS ALLÁ DEL DESEMBARQUE DE LA NORMANDÍA:
ESPIONAJE, INTELIGENCIA Y RESISTENCIA EN LA II
GUERRA MUNDIAL**

Raquel Anne Lima de Assis¹

Resumo

Este artigo analisa, em perspectiva comparada, aspectos da atuação dos serviços de inteligência e espionagem britânico e norte-americano na França durante a Segunda Guerra Mundial. Privilegiamos aqui a agência britânica *Special Operations Executive* (SOE), nascida em 1940, e a norte-americana *Office of Strategic Service* (OSS), surgida em 1941. Para isso, analisaremos a chamada *Operação ROOK*, utilizando para tanto documentos oficiais produzidos pelo SOE e pelo OSS. O propósito da referida operação era destruir meios de comunicação e transporte, com ajuda de trabalhadores ferroviários, no sul da França, em preparação para o desembarque dos Aliados na Normandia (1944). Nesses registros se evidencia como a necessidade de apoio à resistência era parte estratégica para libertação do território francês.

Palavras-chave: Espionagem; resistência; Normandia; Segunda Guerra Mundial.

Abstract

This text analyse, in comparative perspective, aspects of the performance of British and US intelligence and espionage services in France during Second World War. We study here the British agency *Special Operations Executive* (SOE), born in 1940, and the North-American *Office of Strategic Service* (OSS), emerged in 1941. For this we analyse the Operation ROOK, using official documents produced by SOE and OSS. This operation had the purpose to destroy means of communication and transport, with help of railway workers, in the south of France. This action helped the Allies in Normandy, evidencing how resistance was part of their strategy.

Keywords: Espionage; resistance; Normandy; Second World War.

Resumen

Este artículo analiza, en perspectiva comparada, aspectos de la actuación de los servicios de inteligencia y espionaje británico y norteamericano en Francia durante la Segunda Guerra Mundial. En el año 1940, la agencia británica *Special Operations Executive* (SOE), nacida en 1940, y la estadounidense *Office of Strategic Service* (OSS), surgida en 1941. Para ello analizaremos la llamada *Operación ROOK*, utilizando para tanto documentos oficiales producidos por el SOE y por el OSS. El propósito de dicha operación era destruir medios de

¹ Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: raquel@getempo.org.

comunicación y transporte, con ayuda de trabajadores ferroviarios, en el sur de Francia, en preparación para el desembarque de los Aliados en Normandía (1944). En estos registros se evidencia cómo la necesidad de apoyo a la resistencia era parte estratégica para la liberación del territorio francés.

Palavras clave: Espionaje; resistencia; Normandía; II Guerra Mundial.

O fato de que nossos chefes nunca soubessem perfeitamente as verdadeiras intenções do inimigo e, talvez, pior ainda, suas possibilidades materiais, pode ser explicado pela má organização de nossos serviços de informação.

Marc Bloch (1886-1944), historiador, capitão do exército francês e membro da Resistência, em *A estranha derrota* (1940).

Em 1944 aconteceu uma das principais batalhas que ajudou os Aliados a vencerem a guerra contra o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, a batalha da Normandia. Tropas aliadas desembarcaram no litoral francês no chamado Dia D, venceram os alemães e os expulsaram do território ocupado desde 1940. Para auxiliar essa ação, uma das atividades realizadas foi o uso da espionagem com o objetivo de coletar informações para a produção de inteligência e empreender operações especiais em atividades de sabotagem e guerrilha. Duas instituições do serviço secreto foram responsáveis pela realização dessas ações: a agência britânica *Special Operations Executive* (SOE), nascida em 1940, e a norte-americana *Office of Strategic Service* (OSS), surgida em 1941. Desta maneira, nosso objetivo é analisar, em perspectiva comparada, aspectos da atuação desses órgãos no território francês antes da libertação.

Quando surgiu, o principal objetivo do SOE era realizar operações especiais em países ocupados pelo Eixo por meio de sabotagem, propaganda e guerrilha. Atividades de inteligência, ou seja, coleta, análise e interpretação de informações, eram de responsabilidade maior de outra agência britânica, o *Secret Intelligence Service* (SIS), mais conhecido como M16. Mas, isso não excluiu o fato do SOE também produzir inteligência, como fizeram na Holanda e no Extremo Oriente. Entretanto, M.R.D. Foot afirma que, para o chefe do OSS, William Donovan, o SOE era fraco em coletar informações (FOOT, 1991, p. 296). Isso sugere a possibilidade de que o principal objetivo do SOE eram as Operações Especiais mais do que a Inteligência Secreta. Portanto, essa agência procurava, principalmente, incentivar a resistência pela própria

população local nos países dominados pelo Eixo, organizar e auxiliar movimentos de resistência e instigar ações de sabotagens e guerrilha.

Quanto ao OSS, que foi o precursor da CIA (Agência Central de Inteligência do governo dos Estados Unidos), era uma agência de serviço secreto norte-americana com o objetivo de coletar informações, fornecer inteligência e empreender operações especiais e clandestinas no teatro da Segunda Guerra Mundial para dificultar a ocupação do território pelo inimigo (BULL, p. 6-7). Tal instituição agia em guerra clandestina, setores de pesquisas e análises, ações de espionagem, operações especiais, inteligência secreta e em grupos operacionais que atuavam em operações militares de guerrilha. Uma das formas utilizadas era tentar incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, instigando e desenvolvendo ações de sabotagens e propaganda. Seu campo de ação era a Europa, Norte da África e Ásia, chegando a quarenta escritórios no exterior. A América Latina e a própria segurança interna dos Estados Unidos, isto é, a contraespionagem, eram responsabilidades do *Federal Bureau of Investigation* (FBI).

Essa comparação entre as agências nos mostra que, enquanto na Inglaterra inteligência secreta e operações estavam divididas em duas instituições, SIS e SOE, respectivamente, nos Estados Unidos essas duas atividades se concentravam em um único órgão, o OSS. Mas, elas eram bastante semelhantes na forma de ação, na organização e auxílio de movimentos de resistência por meio de seus agentes secretos ou espíões. Eles eram enviados para territórios ocupados pelo Eixo para preparar esses grupos clandestinos com técnicas de sabotagem, guerrilha, manuseio de armas, defesa pessoal e disfarce. Também agiam na propaganda contra o inimigo para afetar a moral das tropas.

Antes de ensinar as técnicas de sabotagem e guerrilha a esses movimentos de resistência, os espíões passavam por treinamentos com o auxílio de manuais produzidos e utilizados por ambas as agências. Material este que deveria cumprir a função de “manual de campo” nas ações de espionagem, sabotagem e propaganda dos Aliados. Eram documentos sigilosos e de uso interno, logo, não eram distribuídos para o grande público. Os agentes tinham acesso a esse material e, em seguida, deveriam ensinar seu conteúdo aos integrantes dos movimentos de resistência.

Dentre estes manuais, dois se destacam ao ensinarem atividades de sabotagem e de guerrilha para a formação e organização de uma resistência: o *Partisan Leader's Handbook* (Manual do Líder Guerrilheiro) e o *Simple Sabotage Field Manual* (Manual

de Campo de Sabotagem Simples). O primeiro foi compilado pelo major Colin Gubbins, da Inteligência Militar Inglesa. O manual foi o ponto de partida das operações secretas britânicas na Segunda Guerra, sendo utilizado pelo SOE. Trata-se de um documento sigiloso, mas que circulou o mundo e foi traduzido em diversas línguas (francês, holandês, polonês, norueguês, chinês etc.), cujo objetivo era apresentar o *modus operandi* de guerrilha, assediar o inimigo por qualquer meio, cortar as comunicações inimigas, mobilizar e dar suporte à população local e agir somente quando houvesse certeza do sucesso. Conforme o próprio manual:

Lembre-se que seu objetivo é atrapalhar o inimigo de toda forma possível, de modo a tornar a luta mais difícil para seus exércitos nos fronts principais. Você pode fazer isso danificando suas comunicações ferroviárias e rodoviárias, seus telégrafos e sistema postal, destruindo pequenas partes do inimigo (*The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p. 27, tradução nossa).¹

O segundo, produzido e utilizado pelo OSS, foi um dos mais conhecidos e utilizados manuais. Tinha como objetivo instruir sobre como seria possível ao cidadão comum colaborar com os Aliados. A chamada “sabotagem simples” era abordada como importante para atrapalhar a rotina das forças de ocupação e, ao mesmo tempo, alimentar a confiança da população em uma vitória breve dos Aliados. A obra foi feita considerando-se que os alemães exploraram trabalhadores estrangeiros em larga escala, se tornando dependentes desta mão de obra na sua indústria, os submetendo a trabalhos forçados e condições sub-humanas, quando não eram mortos em câmeras de gás dos campos de concentração ou fuzilados pelas tropas da SS.² Assim, estes mesmos trabalhadores eram pessoas com motivos e oportunidades para empreender ações que aparentemente dificultavam o cotidiano dos exércitos inimigos. Esse documento também era confidencial, nas palavras do William Donovan (chefe da OSS): “O conteúdo deste manual deve ser cuidadosamente controlado e não deve ser permitido que chegue em mãos não autorizadas” (*Simple Sabotage Field Manual*, 1944, p. 95, tradução nossa).³

Portanto, a resistência, no caso da Segunda Guerra, recebeu amparo dos manuais, panfletos e livretos produzidos pelo OSS e pelo SOE, ensinados pelos espões. Para Carl Clausewitz, a resistência cumpre papel central numa guerra. A defesa de um território tem na resistência um fator importante, pois dela podem depender informações vitais: “é a informação [...] como aquelas que tocam inúmeras pequenas incertezas

ligadas ao serviço cotidiano de um exército, e relativamente às quais o entendimento com os habitantes dá aos defensores uma vantagem de ordem geral” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 493). Por isso, no *Partisan Leader's Handbook* é destacada a importância de obter informações para o melhor planejamento das operações conhecendo a localidade e os movimentos dos inimigos. Alguns questionamentos deveriam ser levantados, como “quais as horas de descanso das sentinelas e como é realizado, força total da guarda e dos destacamentos, como e quando chegam os suprimentos para a guarda, é permitida a entrada de civis nos postos?” (*The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p. 30-31, tradução nossa).⁴

Ou ainda, segundo esse manual, para executar emboscadas em estradas, era necessário obter informações sobre a forma de locomoção dos destacamentos, sua força média, seus armamentos e sua quantidade de veículos utilizados; se seus carros eram blindados; os horários que eles passavam pelo local escolhido para o ataque; se moviam em blocos ou se colocavam homens na frente e atrás para se prevenir de surpresas, entre outras informações (Ibidem, p. 37). Para obter essa informação, e assim construir inteligência, era necessário a ajuda da população local. Os tipos de pessoas ideais a serem empregadas nesta tarefa, conforme o manual, eram: padres, estalajadeiros, garçonetes, empregados de bar e atendentes dos cafés, empregados domésticos nas casas onde oficiais ou homens estavam alojados, médicos, dentistas, funcionários de hospital, lojistas, vendedores ambulantes e seguidores de acampamentos. Recomendava-se que esse pessoal fosse treinado para tais tarefas (Ibidem, p. 33-34). Isso reflete no que Clausewitz afirma, “a influência total dos habitantes de um país sobre a guerra está, no entanto, longe de ser insignificante, mesmo se não se produz verdadeira sublevação geral do povo” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 493).

Sendo assim, o objetivo dos manuais era também possibilitar que estas ações de resistência fossem empreendidas por pessoas comuns. No *Simple Sabotage Field Manual* afirma-se: “inúmeras ações simples as quais o indivíduo comum, o cidadão-sabotador, pode realizar” (*Simple Sabotage Field Manual*, 1944, p. 96, tradução nossa).⁵ Os sabotadores poderiam ser divididos em dois tipos. Aquele que não era tecnicamente treinado e empregado, necessitando, assim, de sugestões específicas. O outro era o técnico que poderia criar situações para sabotagem, por exemplo, um torneiro mecânico ou um mecânico de automóveis. Pessoas que agiam em suas atividades cotidianas, principalmente em seus trabalhos. Não por acaso, tratavam-se de “simples sabotagens” entupir, por exemplo, banheiros com papel, cabelo ou qualquer outro objeto; ou ainda

sistemas de esgotos com esponjas saturadas com amido grosso ou solução de açúcar (Ibidem, p. 106).

O próprio manual entende esse conceito, a sabotagem, como uma forma de atrapalhar o cotidiano das tropas inimigas por meio de simples ações empreendidas por cidadãos comuns, sem necessariamente qualquer tipo de especialização ou armas. Como, por exemplo, provocar curto-circuito ou incêndios com material inflamável em fábricas, armazéns e escritórios; atrasar o trabalho; ou ainda espalhar informações falsas para desmoralizar o inimigo (Ibidem, p. 104). Por sua vez, o *Partisan Leader's Handbook* entende sabotagem como:

Ações de indivíduos ou pequenos grupos de pessoas que são realizadas de modo furtivo e não em conjunto com as forças armadas. Esses empreendimentos, contudo, frequentemente produzem resultados valiosos e, assim como as ações militares, obrigam o inimigo a dispersar suas forças a fim de se proteger contra eles (*The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p. 31, tradução nossa).⁶

Estas ações se caracterizam como astúcias praticadas pela população local contra o domínio do exército do Eixo. É um jogo de relações de poder entre as forças inimigas que ocupam o território e aqueles submetidos a repressão, controle do seu cotidiano e, em muitos casos, a trabalhos forçados. Mas isto não impede que estes procurem oportunidades dentro desse contexto para atingir com *golpes* os invasores. Dentro de um sistema imposto pela ocupação, as pessoas procuravam meios de executar atos contra as vontades e interesses do inimigo, mesmo sendo controlados por ele. Sendo assim, o *Partisan Leader's Handbook*, ciente da superioridade de armamento do inimigo, ensina como detê-los em suas tentativas de destruir as guerrilhas com ações para conter aviões, tanques, carros e caminhões blindados, metralhadoras, bombas, granadas etc. (*The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p. 50-51).

Como afirma Clausewitz, “quanto mais fracas forem as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais acessível esta será à astúcia” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 217). Portanto, aquele que não possuía meios de impor sua vontade contra o oponente, neste caso a população local contra as forças do Eixo, era submetido à imposição do adversário. Porém, encontra, através da sabotagem e guerrilha no seu cotidiano, formas de resistência e defesa. Era essa prática que os manuais procuravam ensinar, e os agentes secretos funcionavam como porta-vozes. Podemos citar exemplos de pessoas que mesmo sendo forçadas a trabalhar nas fábricas, encontravam meios de atrasar a produção danificando alguma peça como transformadores, motores elétricos, turbinas e

caldeiras. Ou ainda, ao utilizar a desculpa que deixou cair a chave no circuito elétrico porque um ataque aéreo o manteve no escuro ou estava dormindo no trabalho, sempre pedindo muitas desculpas para parecer um desastrado (*Simple Sabotage Field Manual*, 1944, p. 101). Tais ações são exemplos de astúcias empreendidas no cotidiano pelos mais fracos contra os mais fortes, que às vezes nem percebiam quem estava sendo alvo de ataque.

Uma das tentativas de colocar esses conteúdos e ideias em prática foi a “Operação ROOK” cujo propósito era sabotar os meios de transporte e comunicação no sul da França entre novembro de 1943 e fevereiro de 1944. Esse plano foi elaborado e executado pelo *Office of Strategic Services* (OSS), em parceria com o *International Transport Federation* (ITF) e afiliadas na *Confederation Generale de Travail* (CGT). O primeiro era um sindicato internacional de trabalhadores ferroviários, e o segundo, uma confederação francesa de sindicatos. Com ambos agindo clandestinamente na região, seus trabalhadores tinham como objetivo “assegurar uma contínua perturbação e interrupção de transporte e comunicação inimiga no sul da França através de sabotagens mútuas em ferrovias e outras instalações” (OSS, ROOK, nov. 1943-fev. 1944, tradução nossa).⁷

Talvez, para sua preparação e treinamento utilizassem os manuais estudados aqui como o *Simple Sabotage Field Manual*, que era um dos livretos mais famosos e utilizados pelo OSS. Consequentemente, é possível considerar também a participação de agentes do OSS nesta operação para organizar e treinar esses trabalhadores. Isso pode ser verificado porque no plano da operação havia um trabalho conjunto entre os ferroviários e outros trabalhadores com os operadores de rádio da OSS, para obter inteligência militar em relação aos transportes e, desta forma, estabelecer as bases para a destruição dos alvos em conexão com a Operação do Dia D. Além de executar um treinamento das forças internas para cooperar com as forças militares no momento do desembarque (Idem).

Na missão ROOK incluía-se também enviar um representante do ITF e do CGT. Ele deveria ser aceito pelo grupo de trabalhadores, possuir habilidade organizacional e familiaridade com a área de operação e com o pessoal envolvido. Seu propósito era “contatar ferroviários e outros grupos de trabalhadores nos pontos selecionados e prepará-los para a realização dos objetivos do projeto” (Idem, tradução nossa). Portanto, possivelmente esse representante seria um agente treinado com os manuais e enviado para repassar seu conteúdo para essas pessoas, a população local de trabalhadores

ferroviários. Inclusive, o próprio projeto afirma que entre o seu pessoal seriam enviados também agentes suplementares para uso futuro, operadores de rádio e, se necessário, “operadores de rádio e agentes adicionais serão treinados e instruídos em conexão com Inteligência e Operação respectivamente” (Idem, tradução nossa).

Esses agentes seriam também instruídos pela Inteligência francesa, que concordava e auxiliava na operação. Eram também auxiliados por um instrutor em demolição. Entre os seus equipamentos estavam material de demolição, rádio e suprimentos como roupas, alimentos, documentos, armas etc. Tal projeto saiu do papel e foi iniciado depois de uma discussão preliminar entre o chefe Donovan (OSS), Omer Becu (*International Transport Federation*) e Mortiner Kollender (*Labor Desk*, Cairo) (OSS, ROOK, nov. 1943-fev. 1944). A iniciativa demonstrava a preocupação de coordenar Inteligência e Operação ao sabotar os meios de transporte e comunicação franceses. Sendo assim, pretendia atrapalhar o cotidiano do inimigo, auxiliando as forças Aliadas no Dia D.

O homem escolhido pela resistência para ser o representante ITF-CGT foi Mederic (codinome). Ele era conhecido pelos sindicalistas e pelo OSS, e possuía a capacidade de selecionar agentes para iniciar o projeto e oferecer contato com ferroviários e trabalhadores da comunicação no sul da França (ROOK, Carta para Omer). Ele poderia ser o representante do CGT “sem formalmente comprometer o CGT em um acordo com uma agência de outro governo” (Idem, tradução nossa).⁸ Se a inteligência alemã tivesse conhecimento sobre os planos aliados, impediria que o projeto de sabotagem fosse adiante e provavelmente repreenderia essa resistência local formada por trabalhadores.

Por isso, em algumas notas do projeto afirmam que

O CGT não está, como um sindicato representado na Assembleia nem como um afiliado da ITF através de transportes em agências, em posição para tomar a responsabilidades na conexão com um projeto tal como ROOK (ROOK, Notes...ROOK, nov. 1943-fev. 1944, tradução nossa).⁹

Mas, o CGT lidava com todos os assuntos envolvendo o movimento *Metropole Resistance* no que dizia respeito a munição e pessoal para Mederic (Idem). Foi esse movimento de resistência que confiou Mederic como o especialista apropriado para o projeto. A preocupação com o sigilo era a tal ponto que não queriam chamar atenção de outros grupos franceses para a operação. Nem mesmo pessoal adicional entre os

franceses, com exceção de agentes selecionados por Mederic, precisavam saber do plano.

Essa ação foi caracterizada como SO (*Special Operation* – Operação Especial). Isso acarretaria em acordos com o *Special Operations Executive* (SOE). Desta forma, necessitavam de Londres aprovações para que o projeto pudesse ser executado (Idem). Basta lembrar que o SOE era a agência britânica responsável por operações clandestinas deste tipo e mantinha aliança com o OSS. Ambas as agências empreenderam ações conjuntas na França para auxiliar no desembarque da Normandia. Essa cooperação resultou em trabalhos de comando, planejamento, operações e comunicações integradas em torno de sabotagens e redes de agentes. O plano básico de danificação de transportes e comunicações era intensificado e expandido entre esses órgãos (BROOK, 1991, p. 70). Logo, era necessária a aprovação mútua para não gerar tensões. Em fevereiro de 1944, Londres emitiu sua carta concordando com a Operação ROOK (ROOK Cables nov. 1943-fev. 1944).

Outra atividade dos agentes no território francês foi produzir inteligência militar. Mesmo ROOK sendo uma ação de Operação Especial (SO), com sabotagens empreendidas por movimentos de resistência, era necessário serviço de inteligência (SI) na seleção de alvos estratégicos para colaborar com o sucesso do Dia D. O espião não apenas instruía em sabotagem e outras atividades de resistência, mas também em como coletar informações sobre particulares itens de inteligência a serem observados. Esperava-se assim coordenar mecanismos de comunicações da CGT e “construir uma estrutura de cooperação para o Dia D de todas as filiais CGT com as forças aliadas” (Idem, tradução nossa).

Segundo Michael Herman, a superioridade da inteligência dos Aliados foi importante para o sucesso estratégico no desembarque da Normandia (HERMAN, 1996, p. 150). A inteligência foi capaz de neutralizar algumas vantagens dos alemães, demonstrando que podia ser utilizada tanto para a defesa de um território, na preparação de emboscadas, como para atacar o inimigo. Foi isso que fizeram os Aliados na França. Utilizaram da inteligência para uma ofensiva contra os alemães ao destruir alvos estratégicos, meios de transporte e comunicação, dificultando suas ações.

Portanto, boa inteligência pode ajudar o agressor a alcançar superioridade local, assim como alertar o defensor contra surpresas. Mas, o sucesso dos Aliados não se deu apenas devido aos seus serviços secretos. Sua superioridade na inteligência coincidiu com sua superioridade de recursos a partir de 1942. Em outras palavras, vantagens

militares dão suportes à inteligência. Conforme Herman, na guerra a inteligência pode otimizar e transformar situações (Ibidem, p. 144). Somente espionagem não leva à vitória sem o uso da força. Ainda segundo o autor, “a informação pode ajudar organizações militares a direcionar seus recursos eficientemente” (Ibidem, p. 146, tradução nossa), e é parte do processo para alcançar a vitória.

A inteligência não garante a vitória e nem estabelece o que ocorrerá no futuro. Conforme Marcos Cepik, trata-se de um fluxo de informações parcialmente estruturado, mas com gerenciamento incerto, pois há uma dificuldade de integração das etapas e de atendimento ágil das necessidades dos usuários (CEPIK, 2003, p. 67). Além de lidar com o perigo de vazamento de informações, tornando importante o cuidado com a segurança, que pode impor limites ao trabalho e à sua agilidade.

Esse sigilo envolve inclusive as operações encobertas. Esse tipo de atividade tem como objetivo influenciar outros governos e organizações a seguirem um comportamento que favoreça os interesses daqueles que organizam e conduzem essas ações. Dentre os tipos de operações encobertas está o apoio a grupos locais no empreendimento de sabotagens, guerrilhas, guerras subterrâneas, operações paramilitares, terrorismo etc. (Ibidem, p. 62). O envolvimento pode ser por meio de suporte financeiro, fornecimento de armas, inteligência, treinamento e forças combatentes especializadas neste tipo de operação.

Sendo assim, podemos enquadrar o projeto ROOK como uma operação encoberta. Tratava-se de uma ação empreendida por uma agência de inteligência ligada diretamente ao governo americano, o OSS, que organizou e auxiliou movimentos de resistência no território francês para enfraquecer as tropas inimigas por meio de sabotagens nos seus meios de transporte e comunicação. Teve como intermediários os agentes secretos que transmitiam os conhecimentos dos manuais para esses grupos, auxiliando, assim, o desembarque e o sucesso das tropas aliadas na Normandia no Dia D.

A importância desse tipo de operação para a libertação da França pelos Aliados pode ser verificada quando, em 1944, começou uma onda de apoio popular para o exército da libertação. Forças de resistência, auxiliados pelos Jedburghs,¹⁰ comprometeram esforços alemães para o contra-ataque, com cortes de trilhos, destruição de pontes, estradas de mineração, corte de telecomunicações e sabotagem de veículos alemães. Segundo Lawrence H. McDonald, como consequência, a resposta alemã ao desembarque aliado foi adiada em 48 horas (Ibidem, p. 93-94).

Para manter o sigilo e conseqüente sucesso da operação e dos serviços de inteligência, era necessário também evitar a infiltração do inimigo e o vazamento de informações. Era preciso o serviço de contrainteligência e contraespionagem. Essa proteção é chamada de *information security*, que se trata do suporte de proteção de informação para frustrar o trabalho de espionagem do inimigo (HERMAN, 1996, p. 165). Conforme o dicionário *The A to Z of British Inteligente*, contrainteligência é “a disciplina dedicada à penetração das estruturas de inteligência do adversário e proteção da própria organização” (*The A to Z of British Inteligente*, 2009, p. 114, tradução nossa).¹¹

Assim sendo, inteligência e segurança são atividades bem próximas. Enquanto uma procura penetrar na segurança do sistema de informação do inimigo, a outra tenta evitar a aquisição de inteligência pelo oponente. Segundo Michael Herman, uma atividade não exclui a outra, pois para obter inteligência sobre o inimigo é necessário conhecer suas medidas de segurança. Ao passo que, para planejar sua segurança, é necessário conhecer as formas de aquisição de inteligência do inimigo (HERMAN, p. 166).

Considerações finais

Neste trabalho, podemos verificar como a França foi palco não apenas de batalhas que resultaram na vitória aliada no Dia D, mas também de ações de resistência, inteligência e espionagem. Atividades essas, empreendidas pelo SOE e OSS juntamente com a resistência francesa, que não determinaram, mas ajudaram na vitória contra a Alemanha. Ambas as agências, em parceria, organizaram e coordenaram operações de inteligência e operações especiais para coletar informações e sabotar meios de transporte e comunicação na França utilizados pelo inimigo, para assim dificultar seu cotidiano e obter dados para a formação de estratégias de suas forças armadas.

Isso evidencia que a formação de uma resistência era parte da estratégia para os Aliados vencerem os alemães e libertarem o território francês. Sua tática era utilizar os serviços secretos para ajudar a organizar e incentivar a população local a agir em situações do cotidiano. Ou seja, atrapalhar o dia a dia do inimigo que, enquanto resolvia esses “pequenos problemas”, negligenciava a chegada dos Aliados.

Fontes

OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, *Simple Sabotage Field Manual*, 1944.

Record Group 226: Records of the Office of Strategic Services, 1919 – 2002. Series: Algiers Field Station Files, 1941 – 1945. File Unit: 626) *ROOK: Sabotage of Transportation and Communications in Southern France, Nov 1943-Feb 1944*. National Archives Identifier: 6275410. ARC Identifier: 6275410. HMS/MLR Entry Number: A1 97. Container ID: 35.

Referências

BARROS, José D' Assunção. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*, v. 1, n. 1, jun. 2007.

_____. *História comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BLOCH, Marc. *Por una historia comparada de las sociedades europeas*. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. *Marc Bloch: una historia viva*. Estudio preliminar y selección de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

_____. *A estranha derrota*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BROOK, Sir Robin. The London Operation: The British View. In: CHALOU, George C. (org.). *The Secrets War: the Office of Strategic Services in World War II*. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 69-73.

BULL, Stephen. Introduction. In: _____. *The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945)*. London: Conway, 201, p. 6-24.

CEPIK, Marcos A. C. *Espionagem e democracia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

CLAUSEWITZ, Carl. *Da guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOOT, M.R.D. The OSS and SOE: An Equal Partnership? In: CHALOU, George C. (org.). *The Secrets War: the Office of Strategic Services in World War II*. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 295-300.

_____. *SOE: An outline history of the Special Operations Executive 1940-46*. London: British Broadcasting Corporation, 1984.

HERMAN, Michael. *Intelligence Power in Peace and War*. Cambridge: Cambridge University, 1996.

MCDONALD, Lawrence H. The OSS and its Records. In: CHALOU, George C. (org.). *The Secrets War: the Office of Strategic Services in World War II*. United States:

National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 78-102.

WEST, Nigel. *The A to Z of British Intelligence*. Lanham, Toronto, Plymouth, UK: The Scarecrow Press, Inc., 2009, p. 114.

Notas

¹ “Remember that your object is to embarrass the enemy in every possible way so as to make it more difficult for his armies to fight on the main fronts. You can do this by damaging his rail and road communications, his telegraph and postal system, by destroying small parties of the enemy”.

² S.S significava *Schutzstaffel* ou Camisas Pretas, a guarda pessoal de Adolf Hitler. Essa tropa foi responsável pela manutenção e execução da Solução Final, o genocídio de milhões de judeus, entre outras minorias, o Holocausto.

³ “The contents of this Manual should be carefully controlled and should not be allowed to come into unauthorized hands”.

⁴ Hours when sentries are relieved, and how relief is carried out. Total strength of guard or detachment. How and when do supplies for the guard arrive? Are civilians allowed to enter the post?.

⁵ “To innumerable simple acts which the ordinary individual citizen-saboteur can perform”.

⁶ “Sabotage deals with the acts of individuals or small groups of people, which are carried out by stealth and not in conjunction with armed force. These undertakings, however, frequently produce very valuable results and, like military action, force the enemy to disperse his strength in order to guard against them”.

⁷ “To secure a continuous disruption and interruption of enemy transport and communications in Southern France through mutual sabotage of railroad and other facilities”.

⁸ “Without formally putting CGT into an arrangement with an agency of another government”.

⁹ “The CGT is not, as a union represented in the ASSEMBLEE nor as an IFT affiliate through its transportati on branches, in a position to undertake responsibilities in connection with a project such a ROOK”.

¹⁰ Jedburgh foi a equipe que se destacou entre as missões de SO na Europa. Trabalhando em estreita colaboração com o SOE, SO enviou 87 equipes de Jedburgh e 19 grupos de operação OSS, ou unidades de guerrilheiros, para a França. Tão bem-sucedidas foram as equipes Jedburgh que o general Eisenhower solicitou adicionais para o apoio a grupos de resistência e de aquisição de inteligência tática. Cf. MCDONALD, p. 94.

¹¹ “The discipline devoted to penetrating the adversary’s intelligence structure and protecting one’s own organization”. Cf. WEST, p. 114.